

AICOPA

DIA DA CONSTRUÇÃO

Construção Civil – Que futuro?

O Sector da Construção em Mudança – Perspectivas para os Açores

JOAQUIM BASTOS E SILVA

No sector da construção, habitualmente estável, vivemos actualmente um período de grandes mudanças tecnológicas a seguir à redução significativa da actividade que teve origem na crise financeira mundial iniciada em 2008.

Nos Açores, a crise teve efeitos devastadores na actividade de construção e, em particular, na taxa de desemprego pois que dos quase 19.000 activos de 2008, representando 17% do emprego total, chegámos a 6.300 em 2013, uma redução brutal para um terço em cinco anos (perdemos 66% dos activos).

A partir de 2013 o sector tem vindo a crescer muito lentamente, tendo atingido cerca de 7.500 activos em 2018, um crescimento de apenas 19% em cinco anos, mantendo-se este ano a tendência do crescimento do número de activos estimulada pelo crescimento do alojamento local para o turismo – apesar disso o número de obras licenciadas é metade do valor de 2008 e o consumo de cimento 40%, sendo que o número de dormidas de turistas mais que duplicou desde 2015 – 2.400.000 dormidas em 2018, representando o alojamento local cerca de um terço.

Os últimos dados revelam uma queda no consumo de cimento – o acumulado de Janeiro a Setembro foram 87,5 T contra 104 T no período homólogo de 2018 – e o número de edifícios licenciados, 456, são menos 32 que em 2018, de Janeiro a Agosto.

Este ano, em Maio, a Associação dos Industriais de Construção Civil e Obras Públicas dos Açores (AICOPA) denunciou “um cenário alarmante” e “um rumo de clara insegurança” no sector da Construção tendo em conta a situação dos concursos de empreitadas de obras públicas que, até aquela data de 13 de Maio, perfazia apenas 13 ME, sendo que em 2018 aquele valor foi só 104 ME, cerca de um terço dos valores dos anos bons antes da crise e mesmo de 2012, ano de eleições, em que atingiu 266 ME.

Vivemos, por isso, um clima de instabilidade e inquietação entre os agentes do sector, uma crise de confiança que põe em causa a sustentabilidade das empresas de construção, actividade que representa cerca de 5% do PIB.

O sector da construção, embora tenha sofrido uma enorme redução para cerca de metade a nível nacional e para quase um terço nos Açores continua a ser um grande empregador de recursos humanos com qualificações muito baixas e baixa produtividade, cerca de metade da média do país, situação que terá de ser corrigida no futuro próximo contando com os avanços tecnológicos em curso de que falaremos a seguir.

Um dos primeiros sinais positivos a nível nacional é o crescimento do investimento na construção que, no primeiro semestre foi de 8,5% (Banco de Portugal) associado, em parte, a projectos de infraestruturas de grande dimensão, numa conjuntura de abrandamento da economia (prevê-se o crescimento de 2,0% do PIB este ano e também no próximo após 2,4% em 2018).

O aumento do emprego na economia portuguesa tem-se centrado nos trabalhadores mais qualificados apesar de ainda subsistir um diferencial significativo ao nível da produtividade, face aos valores médios da área do euro.

Nos Açores, como assinalou o Prof. Mário Fortuna, Presidente da CCIPD, estamos a perder terreno na batalha das qualificações se atendermos ao nível de escolaridade da população empregada, sendo que no 2.º Trimestre de 2019 só 15% (eram 18% em 2018) tinha formação superior (28% a nível nacional) e 62% o ensino básico (44% a nível nacional).

Ora, conforme refere o Eng.º Manuel Reis Campos, a falta de mão-de-obra especializada é, actualmente, um problema estrutural que Portugal enfrenta e é, para três quartos das empresas de construção, um dos maiores constrangimentos ao exercício da actividade, segundo o último inquérito à situação do sector realizado pela Associação dos Industriais de Construção Civil e Obras Públicas, sendo essencial, entre outras medidas, actuar sobre o funcionamento da Formação Profissional.

Está identificada, a nível nacional, a falta de 70 mil trabalhadores especializados para responder à procura, uma carência de 22,5% relativamente no total empregado no sector, cerca de 310.000).

Talvez por isso, no passado dia 11 o Governo dos Açores anunciou a duplicação do investimento na formação e qualificação de activos empregados considerada uma “nova prioridade”, e incluiu a Construção Civil que tanto precisa.

Não nos esqueçamos que um dos factores principais que torna um sector ou uma empresa desejável para trabalhar é a oportunidade de aprendizagem e de desenvolvimento da carreira e que nos dias que correm a construção revela-se pouco atractiva, como comprova o indicador de confiança da construção civil de - 40,9 (-59,3 em 2018).

Veja-se, a título de exemplo, a nota de entrada no curso de Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico (a situação é idêntica nas universidades do Porto ou de Coimbra) que não chega a 13 valores (127,3) enquanto que outras especialidades como Engenharia Mecânica (173,3) ou Informática e de Computadores (172,0) exigem mais de 17 valores para não falar da Engenharia Aeroespacial (189,5) e Engenharia Física Tecnológica (188,8) que se aproximam do 19.

A actividade de construção é, todavia, um dos sectores impulsionadores da economia portuguesa quer na criação de riqueza e de emprego, quer pelos impactos que tem a montante e a jusante da sua cadeia de valor, tendo por isso um efeito multiplicador e de crescimento económico.

O sector está em profunda mudança uma vez que à globalização que se vem concretizando desde da década de noventa se opõem, agora de forma determinada, as forças da sustentabilidade ambiental face à evidência das alterações climáticas, a que se adiciona a transformação tecnológica em curso nos materiais e também nos processos com o avanço da robótica e da inteligência artificial e a digitalização de grande parte das actividades nas empresas.

A construção deverá ser encarada como actividade mais complexa e é necessário, por isso, moldar o seu futuro nos Açores com avanços na mentalidade e na tecnologia.

Nos sistemas de informação é necessário vulgarizar a utilização do BIM (Building Information Modeling), com acções de formação mais generalizadas – o LREC tem vindo a realizá-las em São Miguel e Terceira há já alguns anos.

O sistema BIM já constitui requisito obrigatório em alguns países. Dispõe de múltiplas funcionalidades geométricas, geográficas, de quantidades e propriedades dos materiais de construção, etc, permitindo acompanhar todo o ciclo de vida das construções.

Perspectiva-se a utilização de novos materiais de construção mais leves, resistentes, eficazes e sustentáveis.

A construção modular é uma realidade em crescimento, em particular no norte da Europa, atingindo já 45% da construção na Escandinávia e 10% na Alemanha.

Trata-se de construir habitação a partir de componentes de fábrica, módulos, montados no local de construção. Através da tecnologia uma grande parte do processo de construção é desenvolvido em fábrica reduzindo o ruído, os resíduos e melhorando a qualidade.

É necessário um esforço de planeamento atendendo à escassez de recursos e é exigível uma maior qualificação técnica.

Do ponto de vista da sustentabilidade a palavra de ordem para o investimento público e também privado é reabilitar em vez de substituir. Que investimentos são precisos? Que infraestruturas de proximidade? As Escolas devem ser para reabilitar ou modernizar e os projectos a financiar devem ser para o crescimento inteligente e sustentável.

É preciso promover a manutenção do edificado.

Lisboa tem sido um bom exemplo (o Porto também): com a mudança da lei das rendas, em 2013, impulsionou-se a reabilitação urbana e o investimento (também com os vistos “gold”). De 120 M€ de investimento em Lisboa, em 2013, passou-se para 970 M€ EM 2018 (7,5 vezes mais).

Atente-se que dos 454 mil milhões de euros dos Fundos Estruturais 2021-2027, mais de 25% serão estrategicamente investidos na investigação e inovação, no apoio às pequenas empresas e nas tecnologias digitais e mais de 40% em investimentos de energia, ambiente, clima e transportes sustentáveis (a Europa evoluirá para uma economia hipocarbónica).

Vai ser necessário qualificar a mão de obra e as empresas em termos de organização e tecnologia.

Segundo o WEF (World Economic Forum) o futuro da Engenharia e Construção está essencialmente relacionado com o crescimento das cidades, o desenvolvimento das infraestruturas, o aumento da sustentabilidade, a visão dos líderes políticos e a inovação tecnológica.

Para terminar, apenas mais algumas notas que nos dão um sinal dos tempos de mudança que se avizinham.

Numa entrevista ao Público no passado dia 18, o Arquitecto Souto Moura dizia “Vou ser sincero, a minha adesão à ecologia, que é urgentíssima, é recente. A minha obsessão neste momento com a ecologia deve-se a ter chegado tarde. Isto é uma catástrofe total. Não me interessava pela parte ecológica do mundo, porque o betão é o seu arqui-inimigo. Como tinha de escolher, optava pelo betão, que é o meu métier. Depois, pensei que podiam ambos co-existir, mas temos de enfrentar o problema, porque senão o planeta acaba mesmo.

O cimento e o betão a longo prazo não se vão tornar materiais malditos?

Vão desaparecer, porque o betão é o material que se gasta mais no mundo. Gosto imenso de betão, gosto imenso de Le Corbusier, mas este ritmo de construção não é possível.”.

Título do jornal The Guardian em 25 de Fevereiro deste ano: “Betão: o material mais destrutivo da Terra”, o betão está a conduzir-nos à catástrofe climática e, mais à frente “Tomando em conta todos os estágios de produção, considera-se que o betão é responsável por 4-8% do CO₂ produzido. Entre os materiais, só o carvão, petróleo e gás natural são uma maior fonte de gases com efeito de estufa. Metade das emissões de CO₂ do betão são produzidas durante o fabrico do clinker.”

“Mas outros impactos ambientais são menos conhecidos. O betão consome cerca de um décimo de toda a água para uso industrial...” etc, etc.

Outra entrevista do “The Guardian” sobre o livro de Vaclav Smil “Growth”, publicado em Setembro, um dos principais pensadores mundiais sobre história do desenvolvimento humano e um cientista avidamente lido por Bill Gates, tem o seguinte título: “O crescimento tem de acabar. Os nossos amigos economistas não parecem compreender isso”. E mais à frente explica: “Considere a comparação. O consumo de energia nos Estado Unidos da América é cerca de 300 gigajoules por pessoa por ano. No Japão é cerca de 170. Na União Europeia, 150. A China está perto de 100. Índia, 20. Nigéria, 5. Etiópia, 2. Para a Nigéria atingir a China precisa de crescer

20 vezes em termos de per capita. Esta é a escala. Por isso podemos cortar o consumo em Copenhaga ou Sussex, mas não na Nigéria.

Podem os homens de negócios aceitar o fim do crescimento? Já falou nisso a Bill Gates?

Não preciso de lhe dizer. Ele sabe imenso sobre o ambiente. Ponha de parte os biliões de dólares e ele é apenas um tipo que gosta de compreender o mundo.

Ele lê dúzias de livros todos os anos. Tal como eu.”

Em 8 de Outubro, no El País “Alerta contra o calor nas aulas” e no texto «arquitectos e engenheiros exploram modelos que evitem instalar aparelhos de ar condicionado, uma factura insuportável para os Executivos autonómicos. “As queixas por calor estão a crescer. Mas nego-me a aceitar o ar condicionado por princípio”, afirma Alicia Arguello, responsável técnica da Secretaria da Educação da Cantabria, com 350 escolas a seu cargo”».

E nos Açores, qual é a escolha?

Deixo à vossa reflexão uma vez que todos sabemos a resposta.

O futuro crescimento da construção civil nos Açores, que todos desejamos seja robusto, deverá ser mais compatível com a preservação, a longo prazo, da única biosfera que possuímos e isso depende também de nós.

Muito obrigado pela vossa atenção.

Ponta Delgada, 25 de Outubro de 2019